

História Antiga: Relações Interdisciplinares.

Fontes, Artes, Filosofia,
Política, Religião e Recepção

Carmen Soares, José Luís Brandão &
Pedro C. Carvalho (coords.)

**RETÓRICA E HISTORIOGRAFIA: A ARENGA MILITAR FEMININA
NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA**
(Rhetoric and historiography: female military harangue in Classical Antiquity)

LUÍS M. FERREIRA HENRIQUES (luduvicus.m@gmail.com)

Instituto Politécnico de Portalegre

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra¹

RESUMO - Desde a Grécia Antiga até ao Renascimento, a historiografia foi influenciada pela retórica, de tal maneira que a obra histórica, além de ser um repositório de factos do passado, passou a ser entendida como uma composição literária e erudita. A fim de *docere, movere e delectare* os seus leitores, os historiadores valeram-se de certos mecanismos retóricos, como descrições impressionantes de batalhas e da inserção de discursos na narrativa dos feitos, por exemplo. De entre esses discursos, foi a arenga militar aquela que se assumiu como o mais característico da historiografia, ajudando na construção dos caracteres dos grandes estrategas militares da Antiguidade, como Alexandre ou César, multiplicando-se numa tipologia discursiva adaptada aos diferentes momentos de pronúncia: antes, durante ou após uma batalha.

Contudo, os investigadores têm dedicado, sobretudo, a atenção ao estudo dos discursos proferidos pelos grandes chefes militares. A verdade é que a historiografia antiga facultava-nos numerosos exemplos de mulheres que também alcançaram renome no desempenho de funções militares, tradicionalmente atribuídas aos homens. Neste artigo, de forma que pensamos inédita, propomo-nos fazer uma análise comparativa de duas versões da arenga de Boudica antes da Batalha de Watling Street, transmitidas por Tácito e Dião Cássio. Focar-nos-emos na análise da tipologia discursiva, *topoi* retóricos e no discurso de género.

PALAVRAS-CHAVE - retórica; historiografia; arenga militar; género; Antiguidade

ABSTRACT - From ancient Greece to the Renaissance, historiography was influenced by rhetoric, so that the historical work as well as being a repository of facts from the past, came to be understood as a literary and erudite composition. In order to *docere, movere et delectare* your readers, historians availed themselves of certain rhetorical mechanisms, as impressive descriptions of battles and inserting speeches in the narrative of the facts, for example. Among these speeches was the military harangue one who took over as the most characteristic of historiography, helping to build the characters of the great military strategists of antiquity, like Alexander or Caesar, multiplying a

¹ Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2013, financiado pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia.

discursive typology adapted to different times of the pronunciation: before, during or after a battle.

However, researchers have dedicated, above all, attention to the study of speeches delivered by the great military leaders. The truth is that ancient history provides us with numerous examples of women who also achieved renown in the performance of military duties traditionally assigned to men. In this article, so we think unprecedented, we propose to make a comparative analysis of two harangue versions of Boudica before Watling Street Battle, transmitted by Tacitus and Dio Cassius. We will focus on the analysis of the discursive typology, rhetorical *topoi* and gender discourse.

KEYWORDS - rhetoric; historiography; military harangue; gender; Antiquity

1. RETÓRICA E HISTORIOGRAFIA: A ARENGA MILITAR

Desde a Antiga Grécia que a historiografia e a retórica encetaram uma aproximação que se estendeu, comprovadamente, até ao Renascimento². Com efeito, a historiografia desse lapso temporal, a fim de cumprir a tríade de objetivos de *docere, mouere e delectare* os leitores e ouvintes, valeu-se de várias estratégias retóricas, como descrições patéticas de batalhas e, claro, de discursos intercalados na narrativa dos feitos, designadamente arengas militares.

A dimensão retórica da história, no que à inserção de discursos diz respeito, deve muito a Tucídides, que, no século V a. C., pela primeira vez colocou feitos (*erga*) e palavras (*logoi*) ao mesmo nível. Trata-se de um capítulo metodológico (1.22) em que Tucídides analisou o papel que os discursos desempenham na sua obra histórica, declarando, por um lado, que eles obedecem à dupla necessidade de se aproximarem o mais possível àquilo que realmente os oradores pronunciaram, e, por outro, o de expressarem aquilo que, segundo o próprio historiador, era exigido em cada um dos atos ilocutórios.

A historiografia latina acabou por consolidar a presença de discursos intercalados na história. Cícero dedica mesmo alguma atenção a esta questão, revelando no *Orator* (66) que a história é constituída por narração, pela descrição de batalhas e pela intercalação de discursos e arengas (*contiones et hortationes*). Até ao Renascimento, vários foram os autores que, de forma mais ou menos expansiva e aprofundadamente, refletiram sobre a presença de discursos intercalados na narrativa histórica. Um dos pioneiros foi Diodoro Sículo que, no livro XX da *Biblioteca histórica*, analisa as consequências negativas da prática retórica que concorre para que a arte da história se converta numa espécie de apêndice da oratória.

Também no tratado *Quomodo historia conscribenda sit*, Luciano de Samósata apresenta várias advertências sobre a inserção de discursos na narrativa histórica. Com efeito, o pressuposto de que a história (9) se reparte entre o útil e o agradável

² Cf. Iglesias Zoido 2008: 19-31.

vel é falso, já que a sua finalidade é o útil, enquanto a sua fonte é a verdade. Quer dizer, o agradável, que se encontra nas descrições e nos discursos, deve ser apenas entendido como uma adição, tal “so is beauty to an athlete”. Por isso, satiriza os historiadores (15 e 19) que, procurando ser mais tucididianos que o próprio Tucídides, inserem arengas e descrições na narrativa por motivos estilísticos. Na verdade, segundo o próprio, existem dois requisitos (58) que devem regular esta prática: o primeiro é que o discurso se deve adequar tanto ao caráter do orador como da ocasião. O segundo é a clareza que, tal como explica num outro passo (44), significa não deixar nada obscuro, evitando expressões abstrusas ou extemporâneas³.

Apesar destas advertências e aceso debate, o facto é que, de entre os vários discursos, foi a arenga militar que se assumiu como o mais característico da historiografia antiga. Ora, o primeiro modelo de arengas é o modelo homérico. Na *Iliada*, encontramos breves discursos diretos (*oratio recta*) pronunciados na sequência de batalhas, preenchidos por tópicos gerais de incentivo ao combate. Deve-se porém a Tucídides a criação de um modelo de arenga historiográfica que se converterá em fonte de inspiração para as gerações seguintes de historiadores, gregos, romanos e até renascentistas. Este arquétipo de arenga historiográfica amplifica não só as breves exortações presentes do modelo de Homero, como aquelas que poderiam ser, de facto, proferidas pelo general no campo de batalha. Na base desta inovação discursiva, está, como já mencionámos, a forma como Tucídides avaliou a função dos discursos na história, colocando-os ao mesmo nível da narração dos feitos históricos, tal como afirma o historiador no capítulo metodológico (1.22) da sua obra. O historiador procura, pois, não só aproximar o mais possível o discurso àquilo que fora pronunciado pelo general, como ambiciona estabelecer uma relação com a narrativa dos feitos, adiantando uma tática militar que de seguida será executada, exibir a erudição de um general, como também as efetivas causas que determinaram uma vitória ou uma derrota, entre outras finalidades. A fim de cumprir este programa, Tucídides acabou por criar uma tipologia constituída por 6 tipos de arengas, adaptada a distintos contextos narrativos e cristalizada pela historiografia e épica sequentes⁴.

Em definitivo, entende-se por arenga militar um discurso de temática guerreira, proferido por um general, antes, durante ou após um combate ou campanha militar. A sua finalidade é impressiva, uma vez que procura motivar as tropas para a guerra ou dissuadi-las desse propósito. A sua inserção na obra histórica antiga só se pode compreender pela aproximação que a historiografia fez à retórica, de tal maneira que aquela se converteu não apenas num repositório da memória histórica, mas também numa composição elevada e erudita em que intervêm destacados elementos de intertextualidade e de imitação.

³ Cf. Victoria Pineda 2008: 199-226.

⁴ Sobre os antecedentes do modelo de arengas criado por Tucídides e a sua adaptação pela historiografia sequente até ao Renascimento, veja-se Iglesias Zoido 2008: 231-258.

2. A GUNE ANDREIA

O debate sobre a coragem feminina remonta a tempos bem remotos. É certo que, no mundo antigo, a ideia dominante era a de que a subalternidade feminina era uma evidência face ao poder decisório do homem, de tal maneira que Aristóteles⁵ defende que os homens possuíam uma coragem superior (*arkhike andreia*), enquanto as mulheres eram um tipo inferior (*hupereretike*). Para além desta referência, encontramos, ainda na literatura grega, outras semelhantes que confirmam a visão inferior e doméstica da mulher: por exemplo, Iscómaco no *Económico* de Xenofonte (7. 22-24) enumera as tarefas bem distintas e complementares de ambos os géneros, declarando que os deuses deram ao homem a resistência física necessária para suportar o frio e o calor, as longas marchas e as expedições militares, enquanto, à mulher, foi concedida uma natureza adaptada ao recolhimento do gineceu, às funções domésticas e à educação dos filhos:

[22] E uma vez que tanto o interior e as tarefas ao ar livre exigem trabalho e atenção, Deus, desde o primeiro dia, adaptou a natureza da mulher, penso eu, para o interior e a do homem para as tarefas ao ar livre e cuidados.

[23] Porque ele fez o corpo e a mente do homem mais capazes de suportar frio e calor, viagens e campanhas, assacou-lhe as tarefas ao ar livre. Para a mulher, já que ele fez o seu corpo menos capaz de resistência, eu entendo que Deus lhes atribuiu as tarefas internas.⁶

Porém, se o nosso exame se tornar mais fino, podemos encontrar aqui e ali, exemplos de que nem todas as figuras femininas se terão limitado a um papel de submissão. Plutarco (*Moralia*, 185d) apresenta um sintomático comentário sobre Temístocles: como general dos Atenenses (os mais poderosos dos helenos), grande era a sua autoridade, mas maior ainda era a que a sua esposa exercia sobre ele, que só o filho de ambos poderia afrontar:

[5] Do seu filho, que dominava a sua mãe, e através dela sobre si mesmo, disse ele, zombeteiramente, que o menino era o mais poderoso de todos os helenos: enquanto os helenos foram comandados pelos atenienses, os atenienses por ele mesmo, ele próprio pela mãe do menino, e a mãe pelo seu filho.⁷

Se o rigor da análise prosseguir, vamos descortinando que a literatura histórica grega acolhe, a espaços, casos de mulheres que não só individualmente tiveram ascendência sobre os respectivos maridos, como também, através da

⁵ Cf. McInerney 2003: 321.

⁶ Tradução nossa.

⁷ Tradução nossa.

retórica, dominaram largas assembleias de homens, assim como há exemplos de mulheres que comandaram exércitos em gigantescas batalhas. Vejamos alguns exemplos.

As Amazonas assumem-se, possivelmente, como o mais conhecido arquétipo de mulheres guerreiras. Ainda que os dados concretos sobre a sua existência não sejam de todo indiscutíveis, o certo é que elas alcançam várias referências em diferentes géneros literários, tanto gregos como romanos. Ainda que derrotadas nos confrontos com os gregos, seus principais opositores, a eles eram comparadas em coragem e em destreza militar. Conta-se que para tornarem mais fácil o manejo das armas, estas mulheres, que habitavam um estado exclusivamente feminino⁸, removiam um seio (normalmente o direito) queimando-o ou cortando-o. A equiparação da bravura destas mulheres à dos homens está bem patente nas palavras de Príamo a Helena, quando este rememora o dia em que viajou até à Frígia *cheia de vinhas* e chegaram as Amazonas, *iguais dos homens*⁹. O mesmo epíteto volta a ser repetido na *Iliada*, quando Glauco conta a Diomedes a sua linhagem, declarando que procede do coríntio Belerofonte, herói que matou tanto a *terrífica* Quimera, como *abateu as Amazonas, iguais dos homens*¹⁰.

Por outro lado, em Heródoto encontramos duas rainhas, Tómiris e Artemísia, insignes estrategas militares. À partida, as diferenças entre elas residem no carácter lendário e bárbaro da primeira, histórico e helenizado da segunda¹¹. Estas rainhas viúvas ocupam na narrativa de Heródoto um lugar axial na prossecução dos acontecimentos, pois os seus avisos assumem uma dimensão trágica no futuro trágico de Ciro como no de Xerxes¹². A primeira monarca a surgir em cena é Tómiris, rainha dos masságetas. É às suas mãos que tomba o poderoso Imperador de Medos e Persas, o conquistador de Babilónia, num episódio pleno de patetismo, em que a rainha, depois de ter chacinado o exército do seu opositor, sacia o cadáver de Ciro com sangue, ele que era um homem sófrego de sacrifícios humanos, de tal maneira que o seu epíteto era de *Ciro, ávido de sangue* (1. 212). De facto, em toda esta narrativa, Tómiris eleva-se pela sua segurança, oposta à fraqueza do seu opositor. A indómita tenção imperialista de Ciro não lhe permitiu descortinar a subtilidade verbal de uma mulher¹³.

Por sua vez, célebre se tornou a influência de Artemísia junto de Xerxes (8. 67-69; 102-103). Sobrepôs-se, em habilidades, aos outros chefes militares, nomeadamente pela coragem e pela audácia viril (7. 99), pelo acerto do seu conse-

⁸ As Amazonas surgem na historiografia antiga como tendo existido algures na Ásia Menor, a sul do Mar Negro, ou mais a este, perto do Cáucaso.

⁹ Hom., *Il.*, 3. 189.

¹⁰ Hom., *Il.*, 6. 186.

¹¹ Cf. Montañes Gómez 2014: 127.

¹² Cf. Amaral 1994:19.

¹³ Cf. Amaral 1994:28.

lho que a conduz aos campos de batalha. Além da virilidade revelada na guerra (8. 87-88), é igualmente valorizada pelo papel retórico que exerce junto de Xerxes (8. 67-69; 102-103). Avisado era o seu pensamento de estratégia militar, ao propor apenas uma batalha terrestre face à inferioridade das forças navais persas relativamente às dos atenienses. A sua decisão virá a ser preterida, acabando por se consubstanciar o desastre de Salamina que ela prognosticara, batalha, aliás, em que comandou cinco navios.

Muitas outras heroínas nos foram legadas pela historiografia antiga, como Zenóbia, rainha de Palmira, Hipsicrateia, mulher de Mitrídates e rainha do Ponto, Camila dos Volscos ou Boudica, rainha dos Icenos, constituindo um respeitoso catálogo da mulher viril, da *gune andreia*, já que as suas qualidades nos parecem mais próprias dos homens devido ao seu desempenho guerreiro, sendo, certamente, uma forma de os historiadores sublimarem as respetivas atuações.¹⁴ Não surpreende, pois, que neste antiquíssimo debate sobre género, tanto Sócrates¹⁵ como Musónio Rufo¹⁶ estendam o conceito de virilidade, *andreia*, também à mulher, ou, pelo menos, a algumas delas.

Interessa-nos aqui aquelas mulheres da Antiguidade que assumiram papéis guerreiros, tradicionalmente executados por homens, nomeadamente na condução de exércitos em batalhas. Ora, para comandar tropas em grande número, é exigido que o general possua uma série de qualidades, tal como é sublinhado pela tratadística militar clássica. Tratados como o *Strategikos*, escrito por Onassandro no século I a.C., tem, precisamente, como temática central a descrição das qualidades que um perfeito general devia reunir de acordo com a tradição grega¹⁷. Entre as qualidades enunciadas, Onassandro destaca a eloquência exigível ao general e a sua capacidade para falar em público. Desta virtude, ocupa-se o tratadista no capítulo inicial, entre os parágrafos 13 e 16. Neles disserta sobre as virtuosidades da pronúncia da arenga militar, declara que esta deve ser proclamada nos momentos prévios ao combate, quando o general ordena o seu exército para o recontro. Nessa ocasião precisa, a arenga contribuirá para que as tropas se alheiem dos perigos iminentes e transfiram os seus pensamentos para os aspetos positivos, como os benefícios morais proporcionados por uma vitória.

Outro momento adequado para a pronúncia da arenga deve ter lugar sempre que o exército tenha sofrido um revés. A arenga, nestas circunstâncias difíceis, tem a finalidade de recobrar o ânimo dos soldados, tendo um efeito mais poderoso que a medicina do corpo, porquanto esta apenas assiste as feridas do corpo, enquanto a arenga recupera o ânimo e o moral das tropas, tarefa muito mais complexa visto que atua sobre a mente. Encerra esta parte com uma notável

¹⁴ Cf. Amaral 1994:38.

¹⁵ Cf. Arist. *Pol.* 1260. 21.

¹⁶ Cf. Muson., *Diatribes* 4.

¹⁷ Cf. Paniagua Aguilar 2007: 5.

sentença que acaba por resumir o pensamento geral do autor sobre a arenga: da mesma forma que uma *polis* não envia para o campo de batalha o seu exército órfão de general, tão pouco elege um general que não seja capaz de elaborar e proclamar uma arenga¹⁸.

É, assim que, na historiografia romana, encontramos os dois primeiros *exempla* de discursos militares femininos, ou mais rigorosamente, duas versões da mesma arenga, segundo dois autores distintos: Dião Cássio (*H.R.* 62.2.5)¹⁹ e Tácito (*Ann.* 14. 35. 1-2), proferida antes da Batalha de Watling Street, no ano 61. Com esta batalha, os romanos procuravam debelar a rebelião dos icenos liderados por Boudica, como retaliação contra as atrocidades cometidas pelos romanos na Britânia. Foi, pois, nos momentos prévios desta decisiva batalha, com dezenas de milhar de soldados de cada lado, que Boudica arengou às tropas.

Vamos pois fazer um breve estudo comparativo das duas arengas, destacando o papel que a retórica jogou na sua organização, bem como a presença do discurso de género.

3. TIPOLOGIA DISCURSIVA E CARACTERIZAÇÃO DA ORADORA

A primeira nota é de que tanto Tácito como Dião Cássio revelam um apreço pela retórica, bem visível no dramatismo com que descrevem batalhas, bem como na inserção de discursos (*verba*) na narrativa dos feitos (*res*). Escrevendo cerca de 100 anos depois de Tácito, Dião Cássio terá feito o aproveitamento das obras dos pretéritos historiadores. No que à arenga de Boudica diz respeito, Dião não se limitou apenas a reescrever o discurso inserido por Tácito, mas reelaborou-o e amplificou-o, já que o seu é muito mais extenso.

O peso da retórica sobressai, logo, uma vez que a arenga de Boudica está integrada, em ambos os autores, numa parêntese de discursos contrapostos: dois oradores, diante de auditórios distintos, pronunciam discursos em que os argumentos empregados chegam a contrapor-se ponto por ponto. O carácter literário deste tipo de antilogia vem determinado pelos antecedentes homéricos, como sucede com a parêntese de discursos paralelos proferida por Aquiles e Heitor diante das respetivas hostes, antes da batalha. Na circunstância, após a arenga de Boudica diante das suas tropas, nas duas obras, segue-se o discurso de Suetónio Paulino às legiões romanas. Alguns dos *topoi* empregados pelo líder romano relevam o seu carácter literário, já que por momentos, parece que estamos na barra de um tribunal, pois aparenta responder aos argumentos proferidos por Boudica aos seus combatentes.

Já o termo *engarge/setting* designa aquelas palavras ou frases com que os his-

¹⁸ Cf. Paniagua Aguilar 2007: 7.

¹⁹ Acedemos ao texto de Dião Cássio através da tradução proporcionada pela Loeb Classical Library, 9 volumes, Greek texts and facing English translation: Harvard University Press, 1914 thru 1927. Translation by Earnest Cary.

toriadores introduzem e dão por concluídas as intervenções oratórias, tanto em discurso direto (*oratio recta*) como em discurso indireto (*oratio obliqua*). Trata-se de fórmulas de transição entre a narrativa dos feitos e os discursos. Os *engarces* iniciais transmitem ao leitor informações importantes quer sobre o ânimo das tropas, como os objetivos do discursos, sendo igualmente importantes para a caracterização do orador e determinantes para alertar que se está diante de um tipo concreto de exortação.

Enquanto Tácito é omissivo em informações sobre Boudica, Cássio, no *engarce* inicial, portanto, antes da pronúncia do discurso, é pródigo na sua caracterização. Psicologicamente, diz-nos, que ela tinha uma inteligência superior ao que é comum nas mulheres, possuindo ainda uma voz rude. A descrição física concorre para a sua apresentação como guerreira condutora de tropas, não faltando o manuseamento duma lança, para inspirar o medo a quem a olhava. Antes de no-la apresentar, o autor/narrador notifica-nos que, para ser vista e ouvida pela coligação de povos bretões que liderava, ascendera previamente a uma tribuna. Ora, esta informação é de capital importância, já que ficamos a saber que Boudica se preparava para proferir uma arenga de TIPO 2, ou seja, arenga proferida diante de uma assembleia de tropas. Esta é uma arenga extensa e está em linha com o que costuma suceder com as alocuções deste tipo, pois são as que reúnem o maior número de *topoi* retóricos, bem como as que demonstram maior elaboração argumentativa

Um século antes, Tácito, porém, colocara na boca de Boudica um tipo de arenga distinto deste, filiado na épica homérica, particularmente na longa *epipoleis* pronunciada por Agamémnon (canto 4) aos Dânaos, também uma coalizão de povos. *Epipoleis* (TIPO 4) é uma arenga proferida pelo orador em movimento, enquanto passa revista às tropas. Ora, o *engarce* inicial fornece-nos logo informação de que (*Boudicca curru filias prae se vehens, ut quamque nationem accesserat...testabatur*), ou seja, movimentando-se num carro, arengava especificamente a cada povo de que se ia acercando, uma vez que o seu numeroso exército era uma reunião de diferentes tribos. Do ponto de vista tipológico, trata-se, portanto, de uma *epipoleis* prévia à batalha, pois há aqui uma inequívoca presença da fórmula deste tipo de alocução que congrega um verbo de movimento (*curru...accesserat*), reforçado pela menção de que a deslocação era feita num carro, bem como por um verbo de tipo declarativo (*testor*). Uma nota ainda para o facto de Boudica transportar no carro as suas duas filhas (*filias prae se vehens*). Apesar de o exército ser composto por diferentes povos, a verdade é que temos um discurso simples e universal e não com decomposição de auditório.

3.1. Linhas argumentativas e *topoi* retóricos ou *capitula finalia*

Tanto a arenga proposta por Tácito como a de Dião Cássio revelam uma ple-

na assimilação do modelo tucididiano do ponto de vista argumentativo²⁰. Com efeito, ambas as aloções desenvolvem e combinam duas linhas argumentativas: uma de tipo explicativo-instrutivo (*didache*) que tem por finalidade oferecer um quadro claro e convincente da situação diante da qual se vão apresentar as tropas e a estratégia que há de ser empregada para vencer o inimigo, recordando comportamentos que possam ser úteis para o presente. Para a consecução deste plano, nesta linha argumentativa, que é não só a que encabeça os discursos como é a mais extensa, nela o orador recorre a uma série de *topoi* retóricos ou *capitula finalia*.

3.1.1. *Didache*

A. Justiça da luta (*bellum iustum*)

Defender a justiça da luta tem como contrapartida que os deuses se posicionem do lado da hoste exortada, assumindo-se este como o *topos* mais glosado pela historiografia romana. Um dos lugares-comuns dependente deste tópico e que se insere num quadro de motivação instrutiva, decorre da apresentação, por parte do orador, de uma série de agravos infligidos pelos inimigos, demonstrando, portanto, que a luta que se preparam para iniciar é justa. Na *Historia Romana*, Boudica, em sucessivas interrogações, vai recordando ao auditório, as ofensas levadas a cabo pelos romanos, na Britânia. Desde que os romanos chegaram à ilha, conduziram estes povos à servidão, sobrecarregando-os com todo o tipo de impostos, de tal maneira que nem já a morte os livra de semelhante condição. Com efeito, todos os homens, menos os romanos, demonstram alguma consideração até pelas bestas que capturam.

Tácito coloca, igualmente, na boca de Boudica, para galvanizar a turba, o desfiar dos ultrajes levados a cabo pelos romanos contra os povos daquela ilha. Há neste discurso, uma diferença relativamente ao que encontramos na obra de Cássio: enquanto neste autor, Boudica se concentra no esmagamento da população provocada pela carga fiscal e na conseqüente perda de liberdade, em Tácito, a oradora encarece, como se diz agora, os crimes de sangue cometidos pelos invasores, que não respeitam nem a velhice nem a inocência das jovens, já que as próprias filhas de Boudica tinham sido objeto de estupro (*eo provectas Romanorum cupidines, ut non corpora, ne senectam quidem aut virginitatem impollutam relinquunt*). Face a estas injúrias, os deuses oferecer-lhes-ão uma justa vingança (*adesse tamen deos iustae vindictae*).

B. A vitória é possível e está ao alcance da mão (*possibile et facile*)

Vinculado e dependente da planificação e da estratégia da batalha encontra-

²⁰ Sobre os antecedentes do modelo de arengas de Tucídides e a organização das suas linhas argumentativas, veja-se Iglesias Zoido 2008: 231-258.

-se o tópico de que a vitória é possível e está ao alcance. Muitas foram as vezes em que os generais tiveram de incutir nos seus soldados a noção de que, apesar de um cenário desfavorável, era possível vencer um inimigo. Este *topos* retórico passa pelo encarecimento de dois argumentos: recordar vitórias recentes sobre o mesmo inimigo, apresentando de seguida algum tipo de superioridade militar ou estratégica e minimizando a do inimigo. Em Tácito, Boudica é sucinta na utilização deste *topos*, recorda vitórias recentes, (*cecidiisse legionem, quae proelium ausa sit*), e para gerar confiança nos seus, declara-lhes que os romanos não suportarão nem o estrépito, nem o clamor de tantos milhares de homens, e menos ainda o seu ímpeto e o dos seus golpes (*ne strepitum quidem clamorem tot milium, nedum impetus et manus perlaturos*). Ora, Dião Cássio pegou nestes dados e amplificou-os. Recordando-lhes os insucessos de Júlio César e de Cálígula, Boudica declara-lhes que os romanos não são superiores nem em número nem em valor. Com efeito, a aparente superioridade do material bélico romano, constituído por elmos, couraças, grevas e paliçadas são, afinal, a prova do seu medo, pois não combatem, como eles, frente a frente. Por outro lado, enfatiza, os bretões conhecem melhor os terrenos, os rios, os pântanos, o teatro de guerra, ao passo que os romanos, com as suas pesadas armaduras, nem sequer conseguirão fugir. A natureza é aliada dos bretões, e a sua rudeza permite-lhes enfrentar a fome já que (*qualquer erva ou raiz nos serve de pão, a seiva de qualquer planta de azeite, qualquer água como vinho e qualquer árvore como casa*)²¹, enquanto os romanos (*não podem suportar como nós a fome, a sede, o frio, o calor. Precisam de sombra e de abrigo, necessitam de pão amassado, vinho e azeite*).

Num jogo psicológico, esta mulher guerreira transfigura as consagradas vantagens romanas em debilidades, convertendo, em contrapartida, as suas fraquezas em aparente superioridade sobre o inimigo.

3.1.2. *Parakeleusis*

A linha exortativa (*parakeleusis*) presente na parte final das arengas assume esta designação por nela o orador galvanizar emotivamente os soldados para a iminência da batalha, recorrendo, por tal, a vocativos, conjuntivos exortativos, sentenças e *topoi* retóricos.

A. Os argumentos éticos (*honestum et dignum*)

Na *Íliada*, este é o tópico mais recorrente nas arengas, pois para o herói homérico o mais importante é a manutenção do seu estatuto e da sua fama, da sua condição de nobre²², assumindo-se este *topos* como mais importante da componente exortativa das arengas. De facto, este é o momento apropriado para o

²¹ As citações da obra de Dião Cássio são traduções nossas efetuadas a partir da edição em inglês da Loeb Classical Library.

²² Carmona Centeno 2008: 113.

orador apelar para a valentia, para o valoroso, para a honra dos soldados, enfim, para *mouere* os soldados para o embate militar.

Boudica, na obra de Dião Cássio, recorre a uma imagem zoográfica para exaltar o valor dos seus e menosprezar a potência romana: (*Demonstremos-lhes que são lebres e raposas a querer governar cães e lobos*).

B. A conveniência e a necessidade da luta (*utile et necessarium*)

Destacar as vantagens que decorrem da vitória numa batalha é outro tópico fundamental na retórica militar. Ao finalizar a sua alocução, a heroína, na obra de Tácito, recorre a este tópico na sua expressão mais parenética: *vencer ou morrer* (*vivendum aut moriendum*) o *ultimum ac maximum telum*, assim definido por Tito Lívio, uma vez que é capaz de levar os soldados a realizar vitórias impossíveis, sempre que se mentalizem de que só na vitória reside a salvação. Dirigindo-se aos bretões, Boudica insta-os, dizendo que naquele combate é necessário vencer ou morrer (*vincendum illa acie vel cadendum esse*).

Terminado o discurso desta mulher guerreira e antes de se iniciar a batalha, os dois historiadores, por sua vez, facultam-nos o discurso de Paulino à hoste romana.

4. DISCURSO DE GÉNERO

Nas duas versões do mesmo discurso são bem visíveis as passagens que assinalam a feminilidade discursiva da oradora. Tácito assume-se comedido neste ponto, tendo em conta que a alocução também não é expansiva. Se no *exordium*, a rainha procura captar a vontade dos ouvintes para aquela causa, declarando que eles já tinham o hábito de combater sob as ordens de uma mulher (*solitum quidem Britannis feminarum ductu bellare*), na *peroratio*, encerra o discurso com uma provocação aos homens, dizendo-lhes que ela, como mulher, estava pronta para a batalha e eles, homens, desejavam viver ou ser escravos? (*id mulieri destinatum: viverent viri et servirent*).

Já afirmámos que Dião Cássio faz uma amplificação da arenga constante na obra de Tácito, de maneira que o discurso de género é também mais marcado. Após o discurso exortativo, Boudica dirige uma prece a Andrasta, deusa celta, invocando a sua ajuda contra a ocupação romana. Sobressai nesta súplica, o facto de Boudica vincar que se trata de uma *oratio* dirigida de uma mulher para mulher, estando, pois, reunidas as condições para que a deusa compreenda melhor os rogos que lhe são endereçados. A fim de atrair a benevolência da deusa, estabelece logo uma dicotomia entre o seu reinado que luta pela liberdade do seu povo e o de outras rainhas da Antiguidade baseados na ambição pessoal, como Nitócris, exemplos esses popularizados justamente pelos romanos. A esta galeria de mulheres urdidoras de intrigas, acrescentou os nomes das romanas Messalina ou Agripina e Nero. Sim, Nero, posto que homem, diz, (*de facto é uma mulher*

como comprova o seu canto, o tängido da sua lira e o embelezamento da sua pessoa).

O surpreendente na sua oração é o facto de descrever os bretões, homens e mulheres, como os verdadeiros homens, já que as mulheres igualam a força dos homens, ao passo que os romanos, que ambicionam submetê-los, tanto pelas suas excentricidades, como pelas suas perversidades, são cobertos com um manto de feminilidade (*homens insolentes, injustos, insaciáveis, ímpios; se é que verdadeiramente podemos chamar homens a essas gentes que se banham em águas quentes, comem guloseimas artificiais, bebem vinho puro, ungem-se com mirra, dormem em fofos leitos tendo rapazes por companheiros, (...) e são escravos de um tocador de lira*). A suma diatribe de Boudica contra Nero sucede no termo da oração, no momento em que joga com o feminino de Nero, assumindo declaradamente que este é uma mulher, a cujo poder não se quer submeter: (*Que não reine mais sobre vós, homens, esta Nerónia, esta Domícia, que a moça cante e exerça o poder sobre os romanos, pois certamente desejam ser escravos de uma mulher assim, depois de se terem submetido a ela durante tanto tempo!*)

5. CONCLUSÕES

Que funções desempenham as arengas nas obras historiográficas? Por que motivo se converteram no discurso mais característico da historiografia, desde a Antiguidade ao Renascimento? Não cumpre aqui responder, cabalmente, as estas questões, mas tão-só procurar explicações para a inserção destas duas arengas femininas na historiografia antiga, as únicas identificadas pelos estudiosos. Podemos adiantar duas ordens de razões.

As arengas são um poderoso meio de construção de careteres (etopeia), por isso foram usadas profusamente na hora de descrever os grandes estrategas militares. No discurso ficam impressas as capacidades de comando, a astúcia e a inteligência de um general que aliadas ao desempenho em ação, completam o caráter de uma personagem. A atração de Tácito e de Dião Cássio por esta rainha bárbara, Boudica, enquadra-se nesse fascínio lendário que o seu poder militar exerceu sobre os bretões e romanos. Ao atribuir-lhe uma arenga militar, os historiógrafos estão a colocá-la ao nível dos grandes líderes militares da Antiguidade. Não podemos deixar de ver aí um elogio dos historiadores romanos ao valor militar romano, já que as legiões conseguiram debelar a rebelião liderada por tão ilustre general.

Por outro lado, na Antiguidade, a obra histórica era entendida como um *opus oratorium*, ou seja, deveria ter um objetivo de deleite, como um outro, didático e moralizante que ensinasse e doutrinasse o público. Ora, no discurso de Boudica presente na obra de Tácito, são visíveis críticas ao comportamento que os romanos detinham no relacionamento com os povos conquistados, nomeadamente na imposição de impostos impossíveis de solver que conduziam a um verdadeiro e permanente estado de servidão.

Já na outra arenga, Boudica satiriza a degradação de costumes a que a sociedade romana ia cedendo, além de causticar a conduta do Imperador Nero. Ao fazê-lo através de Boudica, uma personagem e como sucede em casos similares, os historiadores podem ir mais além nas suas críticas/acusações do que se o fizessem diretamente na narrativa dos feitos.

BIBLIOGRAFIA

Activa

- Aristotele (1959), *Politics*, Harvard University Press, (<https://archive.org/stream/politicsrackh00arisuoft#page/n5/mode/2up> 22/04/2015)
- Cassius, D. (1978), *Roman History*, Loeb Classical Library, 9 vols., (http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/home.html 01/05/2015)
- Cicero, M. T. (1911), *M. Tulli Ciceronis Rhetorica*, Tomus II. A. S. Wilkins. Oxonii. e Typographeo Clarendoniano. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. (<http://www.perseus.tufts.edu> 18/04/2015)
- Froissart, J. (1848), *Chronicles of England, France and Spain and the Surrounding Countries*, translated from the French Editions with Variations and Additions from Many Celebrated MSS, by Thomas Johnes, Esq; London; William Smith, Vol. 1, Chap. 137. (<http://www.elfinspell.com/FroissartCh135Style.html> 05/04/2015)
- Heródoto (2007), *Histórias*, Liv. I, trad. e notas de J. R. Ferreira e M. de F. Silva, Lisboa, Edições 70.
- Heródoto (2002), *Histórias*, Liv. VIII, trad. e notas de J. R. Ferreira e C. L. Soares, Lisboa, Edições 70.
- Homero (2010), *Iliáda*, 4ª ed., trad. de Frederico Lourenço, Lisboa, Livros Cotovia.
- Livius, T. (1892), *Ab urbe condita libri*, Recognovit Wilhelm Weissenborn, Leipzig. (<http://www.perseus.tufts.edu/> 25/04/2015)
- Lucian (1905), *The Way to Write History/Quomodo Historia Conscribenda Sit*, Oxford, Clarendon Press. (<https://lucianofsamosata.info/TheWayToWriteHistory.html> 02/06/2016)
- Musonius (1905), *Diatribes*, 2, 4 and 5, Hense.
- Tacitus, C. (1906), *Annales ab excessu divi Augusti*, ed. Charles Dennis Fisher, Oxford, Clarendon Press. (<http://www.perseus.tufts.edu> 15/04/2015)
- Xenophon (1921), *Xenophontis opera omnia*, 2nd. ed, Oxford, Clarendon Press. (<http://www.perseus.tufts.edu> 5/04/12)

Passiva

- Amaral, A. L. (1994), “Duas rainhas em Heródoto: Tómiris e Artemísia”, *Humanitas* 46: 17-42.
- Carmona Centeno, D. (2008), *La epipólesis en la historiografía grecolatina*, Tesis doctoral en Filología Griega, Cáceres.
- Carmona Centeno, D. *et al.* (2008), “*Corpus* de arengas en la Historiografía Grecolatina”, in Iglesias Zoido (ed), *Retórica e Historiografía: el discurso militar desde la Antigüedad hasta el Renacimiento*, Madrid, 537-564.
- Iglesias Zoido, J. C. (2008), “Retórica e Historiografía: La Arenga Militar”, in Iglesias Zoido (ed), *Retórica e Historiografía: el discurso militar desde la Antigüedad hasta el Renacimiento*, Madrid, 19-60.
- Iglesias Zoido, J. C. (2008a), “La arenga militar en la Historiografía griega: el modelo de Tucídides y sus antecedentes literarios y retóricos”, in Iglesias Zoido (ed), *Retórica e Historiografía: el discurso militar desde la Antigüedad hasta el Renacimiento*, Madrid, 231-258.
- McInerney, J. (2003), “Plutarch’s Manly Women”, in Rosen and Ineke Sluiter (eds.), *Andreia, Studies in Manliness and Courage in Classical Antiquity*, 319-344.
- Montañes Gómez, R. (2014), “«Dones paral-leles» a Heròdot: Tòmiris I Artemísia”, *Asparkía* 25: 127-144.
- Paniagua Aguilar, D. (2007), “La arenga militar desde la perspectiva de la tradición polemológica grecolatina”, *Talia Dixit* 2: 1-25.
- Pineda, V. (2008), “La Arenga en los Tratados Historiográficos de la Alta Edad Moderna”, in Iglesias Zoido (ed), *Retórica e Historiografía: el discurso militar desde la Antigüedad hasta el Renacimiento*, Madrid, 199-228.